

(In)visibilidades do trabalho docente de mulheres do ensino superior em pesquisas de Programas de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Bahia (2008-2019)

(In)visibilities of the teaching work of women in higher education in research on Graduate Programs in Education and Science Teaching in Bahia (2008-2019)

Talamira Taita Rodrigues Brito
Uesb - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
taitadoc@gmail.com
Elenita Pinheiro de Queiroz Silva
Ufu – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
elenita.pinheiro13@gmail.com

Resumo

A docência no ensino superior público no Brasil é realizada, em grande parte, pelo trabalho de mulheres. Discutir e problematizar a (in)visibilidade deste trabalho e das mulheres neste espaço é o foco deste trabalho, parte de investigação de um estágio pós-doutoral que analisou os tangenciamentos entre gênero, docência universitária, mulher, feminismo, trabalho e vida na universidade pública. Uma pesquisa de tipo estado da arte, que investigou 67 dissertações e 21 teses produzidas em programas de pós-graduação da área da Educação e do ensino de Ciências, com foco no Desenvolvimento Profissional docente. A principal conclusão a que chegamos é a de que não há investigações que versam sobre mulheres, professoras, suas condições e trabalho no ensino superior público.

Palavras chave: Mulheres, Gênero, Ensino Superior, Docência Universitária, Trabalho Docente.

Abstract

The College education teaching in Brazil is accomplished through women work. Discuss and question the (in)visibility of and the women in those space is the focus of this work, part of the investigation of a post-doctoral work that analyzed the tangencies between gender, university teaching, woman, feminism, work and life in the public university. A state-of-the-art research, which investigated 67 dissertations and 21 theses produced in postgraduate programs in the area of Education and Science teaching, with a focus on Teacher Professional Development. The main conclusion that we made is that there is no

research that write about women, female teachers, and their condition and work in the public University education.

Key words: Women, Gender, Higher Education, University Teaching, Teaching Work.

Introdução

Apresentamos para este encontro partes de resultados de uma pesquisa de pós-doc que teve a seguinte pergunta como motriz: *Nas pesquisas realizadas através de dissertações e teses nos programas de pós-graduação da Bahia em Educação, Educação Científica e ensino de ciências, o que se discute sobre a mulher e a docência no ensino superior?* De caráter inventariante, estabelecemos o intervalo entre os anos de 2008 e 2019 como nossa referência, considerando o surgimento no referido estado de mais programas de pós-graduação em Educação, bem como o surgimento de programas voltados para a área do Formação de Professores de Ensino de Ciências e Biologia, em decorrência de uma política de expansão de programas de pós-graduação no Brasil iniciada naquela década. Estabelecemos como objetivos: **a) mapear as pesquisas que entre os anos de 2008 e 2019 têm sido realizadas sobre o assunto; b) apontar quais contribuições teóricas as pesquisas realizadas têm agregado para área;** c) Apresentar as tendências de pesquisas; d) apresentar os autores mais utilizados. Para este momento, focaremos apenas nos dois primeiros objetivos.

Fizeram parte desta pesquisa: o programa de Pós-graduação em Educação e o Programa de Ensino, Filosofia e História das Ciências da Universidade Federal da Bahia (Ufba); o Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (Uneb); Programas de Pós-Graduação em Educação e Educação Científica e Formação de Professores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb); o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs); O Programa de Ensino de Ciências da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)¹.

Justificamos a necessidade desta pesquisa a partir de alguns marcadores: a expansão da pós-graduação no estado da Bahia nesta última década, considerando que entre 1970 e 2000, apenas existia um programa de pós-graduação em Educação na Ufba, represando por muitos anos processos formativos provocadores de outras possibilidades de quadros capazes de promover outras pós-graduações em todo o estado (embora isso não fosse papel apenas da UFBA), mas de todo o país. Foi durante os governos de Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Russef (2003-2016) que a atenção aos Planos Nacional de Pós-Graduação (PNPG) fora dada com maior ênfase, trazendo para a agenda política a necessidade de expansão de Programas em Diversas áreas de formação com objetivo de formar quadros mais qualificados para o ensino superior e educação básica e com isso, diminuir as assimetrias entre as regiões do país (norte, nordeste, centro-oeste, sul e sudeste) no desenvolvimento de pesquisas, no aumento de mestres e doutores. Outro, está associado à própria necessidade de uma vez ampliando o número de programas,

¹ Os dados deste Programa ficaram de fora para este artigo porque na época de pesquisa a páginas estava fora do ar e os programas passava por uma junção com outro programa de ensino de matemática. Coletamos os dados depois da pesquisa já realizada.



uma vez ampliando os grupos de pesquisa em formação de professores de ciências e processos de aprendizagem, uma vez a produção precisa ser visitada para entendermos o que e como estamos investindo em pesquisa e formação. Ao observar os trabalhos apresentados de pesquisas em Estado da Arte (ou do conhecimento) das últimas décadas, tanto os mais gerais, que tive acesso, Prigol (2013); (André, 1999), sobre a formação de professores, seu desenvolvimento e trajetórias, percebemos que construímos um universo de pesquisas para a área e seus seguimentos principalmente preocupados com a formação do professorado e suas demandas profissionais. O surgimento em várias universidades brasileiras de Programas de Pós-Graduação em Educação Científica, Ensino de Ciências e Formação de Professores, dessa última década para cá, consolidou novas linhas para a área (Formação de Professores; Currículos e Processos de Aprendizagem; Educação Ambiental; Movimento CTS; Gênero, Corpo, Sexualidade), bem como fortaleceu laços e linhas de Programas mais antigos (principalmente os vinculados aos Programas de Educação). Só na região Nordeste surgiram 20 (vinte) Programas projetando a área em questão e naturalmente fortalecendo novos caminhos para ambientes de pesquisa. Numa produção recente de Petrenas (2015), sua qualificação tese de doutorado, “O estado da arte sobre as temáticas sexualidade, educação sexual e gênero nos encontros nacionais de didática e prática de ensino - Endipe (1996-2012), a autora apresenta um quadro de trabalhos diversos, entre pôster e comunicação, nesse universo investigado, afirmando aparecer apenas dois trabalhos com a temática Gênero e trabalho e não associados ao professor de ciências e ou biologia, com foco. Isso só impulsionou nossos olhares para observar como tem sido esse comportamento no ensino superior – nas universidades públicas e nos cursos voltados para tal área. Portanto, o que apresentamos nas linhas abaixo, é parte de um percurso auto formativo, mas também de um percurso histórico-político da produção da pós-graduação da área e seus interesses, em especial, em investigação sobre mulher-trabalho docente-ciências/Biologia/ ensino superior-docência universitária.

Referencial teórico

A partir da condição de pesquisar o “estado da arte” temos duas dimensões que investimos em seus aspectos conceituais apresentados no decorrer do recorte de duas décadas – Desenvolvimento Profissional de Professores e Gênero – em especial feminino. Nesse investimento ainda temos um recorte bem definido que é o campo de atuação desses professores/ras, o ensino de Ciências e de Biologia no Ensino Superior – em particular nas universidades públicas (palco do quadripé ensino, pesquisa, extensão e administração).

Por “estado da arte” ou “estado do conhecimento” foram denominadas pesquisas de caráter bibliográfico que tem como desafio e objetivo mapear a quantidade, o nível, a qualidade, o caráter e seguimentos do desenvolvimento de uma dada área do conhecimento.

Dessa forma, compreendemos que ao trazer o DPP de professoras-es de ciências e biologia para o centro de nosso inventariar – em especial as professoras e suas vidas na docência superior e/ou universitária, faz-se necessário entender as mudanças no pensar a trajetória desse profissional e a aplicação da denominação acima. Para nossa compreensão, atribuímos a referência de Marcelo (2009) que já nos posiciona sobre as



mudanças de entendimento que o DPP teve no decorrer de seu próprio uso por diversos teóricos em momentos da história vivida pela própria profissão. Nesse sentido, se faz necessário entender que o termo Desenvolvimento Profissional de Professores-as precisa ser visto como sendo um processo de legitimação de saberes e ações, adesão, implicação à “causa” da relação vida, trabalho e luta pelo/no/por/para a profissão. Esse entendimento nos aponta para processos identitários que se consolidam por grupos geracionais que pensam, que fazem a profissão acontecer em dado momento e sob várias condições (sociais-econômicas-culturais-políticas). Essa forma como cada grupo vive a história junto à profissão proporciona alguns movimentos de mudança em sua “envergadura” conceitual à longo prazo. É por isso que afirmamos que na história de uma profissão encontra-se também o seu desenvolvimento.

Na literatura mais visitada da área percebe-se uma mudança de sentido sobre o termo na medida que também vamos construindo uma relação mais concreta para olhar o professor contido numa profissão, em especial, profissão professor.

Nos estudos de Ramalho; Nuñez; Gauthier (2003), a expressão aparece de modo a acomodar todas as questões que tangenciam às condições de trabalho, de formação inicial e continuada, processos identitários, lutas trabalhistas etc (profissionalização, profissionalismo e profissionalidade). Esta literatura embora direcionada para a docência e seus efeitos na educação básica, também tem nos orientado para perspectivar a docência no Ensino Superior, em especial na universidade pública.

Este desenvolver-se profissionalmente pode ser percebido também como algo que se estabelece em dois movimentos: endógeno e exógeno. Sob nosso ponto de vista, construímos uma relação com a profissão por razões subjetivas e decidimos nos sujeitar ao pleito do exercício docente de acordo com suas exigências e suas etapas institucionalizadas, constituindo-se numa relação endógena. Por outro lado, na medida que as relações políticas são construídas em torno da profissão professor e que se inscreve uma política para o grupo e isso se instala como condição via legislação, e um dado grupo o legitima sob um “rito” de ocupar aquela vaga via seleção ou concurso público, estaremos diante de uma característica de força exógena de perceber o desenvolvimento profissional também com algo pensado não somente pelo árbitro de uma categoria profissional e sim por um conjunto de tecnocratas que definem o que melhor para o estado. Essa relação é tensa, densa, dialética e com muitos desafios dialógicos entre categoria de trabalho e o estado sempre com pautas nunca esgotadas e em processo de atualizações (ex.: atualizações salariais e condições melhores de trabalho).

Quando tangenciamos as questões que envolvem a condição de gênero no exercício da docência no ensino superior e/ou nas universidades públicas, agregamos aí mais um elemento que marca a história das mulheres e sua inserção no mundo do trabalho acadêmico, e se focarmos ainda mais no ambiente do ensino de ciências e biologia percebemos que as questões que se voltam para pensar a vida de professoras podem ser mais problematizadas ainda. O fazer científico, o fazer ciência e suas construções estão estabelecidas pela forma como o patriarcalismo estruturou o ambiente trabalhista e como isso impactou o acesso das mulheres e sua afirmação intelectual no espaço acadêmico-científico nestas áreas.

Segundo Braga (2007) estas questões nascem nesse mesmo processo de disputas e reconhecimento para além de uma questão biológica. De acordo com tal autora (2007, p.213), tal demanda

[...] surgiu entre as estudiosas feministas para contrapor a idéia (*sic*) de essência, recusando assim qualquer explicação pautada no determinismo biológico, que pudesse explicar os comportamentos de homens e mulheres, empreendendo desta forma, uma visão naturalizada, universal e imutável dos comportamentos.

Na história apresentada em uma literatura já considerável sobre a condição da mulher e sua relação com acesso a educação/exercício docente, já sabemos de uma construção social condicionada ao surgimento ao desenvolvimento da puericultura, do cuidado, da maternidade e outras tantas relações mais contundentes relacionado à forma machista e reducionista já expressada nos atos e nas relações com o fazer e o trabalho, remuneração, reconhecimento social e de classe e tantos outros aspectos levantados por autores como Ribeiro e Rossi (2017); Pereira e Silva (2015); Pereira (2000); Nóvoa (1992).

Essas narrativas já estão apresentadas sob vários aspectos, basta saber também como os outros grupos, estão sendo apresentados e narrados em sua condição. O trabalho de Böhm e Campus (2013), sobre professores homens que atuam na educação básica – um estado da arte em pesquisas, nos aponta que, usando palavras chaves: Educação, Gênero, Homens, Masculinidade, Educação Básica, foram encontrados, no intervalo de 2003 a 2011, 16 títulos diversos (artigos, teses, dissertações). Tais trabalhos basicamente ligados às narrativas de ser professor na educação básica e seus limites de acesso à educação infantil e aos anos iniciais pelo pensamento reverso: aos homens outros graus de formação de crianças, jovens e adultos, pois tais espaços devem naturalmente ser ocupados pela mulher e o que ela simboliza socialmente. De tais títulos, apenas três versam sobre a carreira e o trabalho – aspectos vistos por nós como pertencentes aos atos do DPP, ainda pouco visitado pelos pesquisadores.

Quanto à questão que apresentamos sobre a condição da mulher no fazer-se ciência e se tornar objeto deste próprio meio, devemos lembrar que, o caminhar das mulheres na formação superior, no acesso aos ambientes das universidades/faculdades para exercício da docência, acesso a pós-graduação *stricto sensu* e, mais ainda, aos ambientes da pesquisa e produção científica e reconhecimento, fazem parte de um “escrever história” muito recente e quando paramos para visitar a seguinte afirmação:

“A primeira mulher a ingressar na universidade no Brasil, foi no estado da Bahia no ano de 1887, formando-se pela faculdade de medicina. As mulheres no Brasil só foram autorizadas a frequentarem um curso superior no ano de 1879 quando a elas fora concedido o direito de freqüentarem o ensino universitário por Dom Pedro II, então Imperador do Brasil. (Souza, 2008)

Só nos força lembrar que acesso a escola básica e às escolas superiores de época era para poucos com recursos financeiros, afinal o Brasil ingressa o século XX com mais de 80% de sua população analfabeta e sem uma política de educação financiada pelo estado². Isso para afirmar, que nós mulheres, atravessamos o século XX rompendo barreiras, construindo agendas e direitos e que o acesso a um ciclo formativo

² Ver Plank (2001).

envolvendo o ensino superior (graduação e pós-graduação) não fora uma tarefa fácil no país patriarcalizado como o nosso.

Será efetivamente a partir da década de 30³ que as mulheres passam a ocupar os bancos de cursos superiores, que para Sousa (2008, pag. 156), nesta década

[...], rompeu-se com a limitação do acesso ao ensino superior pela via do ensino secundário ginasial dado em escolas oficiais, tanto por meio da equiparação dos diplomas de colégios particulares aos dos colégios públicos, instaurando avanços na questão da articulação entre ensino médio e ensino superior, como por franquear cursos, principalmente das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, aos portadores de diplomas de normalistas, mulheres em sua grande maioria. Tal fato significou uma abertura significativa à continuidade da formação feminina.

Isso não significou um processo universal em todo território nacional e em todas as áreas do conhecimento. Devemos lembrar que na medida que o mercado se reorganiza, que a divisão social/de gênero do trabalho, que a pesquisa e o ensino universitário no país passam a ser desvalorizados, os homens seguem para outros ramos de maior prestígio social e financeiro, abrindo espaços para ocupação das mulheres, sem falar na própria mudança de valor do trabalho que já passa a requerer da mulher que complemente a renda familiar.

No tocante a presença da mulher e suas conquistas como investigadoras das áreas de ciências e biologia, é necessário lembrar que da mesma maneira que tivemos que nos “esforçar” para ocupar ambientes que outrora eram majoritariamente de predominância masculina (pesquisas e seus métodos em laboratórios), e nos forjarmos pesquisadoras à luz dos formatos e interesses de pesquisas já existentes, a nunciar pesquisas que versam sobre o fazer de mulheres cientistas como um “objeto” de investigação não cabe como forma de realizar-se como “pesquisadora” e desta forma, um espaço em branco se faz presente nos bancos de dados de dissertações e teses dentro da área de programas de voltados para pensar a vida de homens e mulheres no fazer-fazer-se professoras-es no/para o ensino superior /Universidades e seu desenvolvimento profissional.

Metodologia

A pesquisa ora realizada é de abordagem quanti-qualitativa. Ao fazermos uma proposta inventariante nos comprometeremos como duas dimensões de pesquisa: a dimensão numérica e estatística – que nos apresentará uma população de produtos de pesquisa em todo país, neste caso, em todo o estado da Bahia, e que corrobora com os objetivos 1 (mapear) e 2 (apontar) propostos por essa pesquisa. E a dimensão interpretativa e crítica da pesquisa – que corrobora com os objetivos 3 e 4 (apresentar) constituição de outras atividades a partir do resultado dessa investigação. As pesquisas “tipo” estado da

³ Nos dados atuais do CENSO da Educação Superior apresentados nos últimos anos já marca de forma expressiva tanto o aumento do número de mulheres ingressantes no ensino superior, quanto como docentes do ensino superior em diversas áreas.

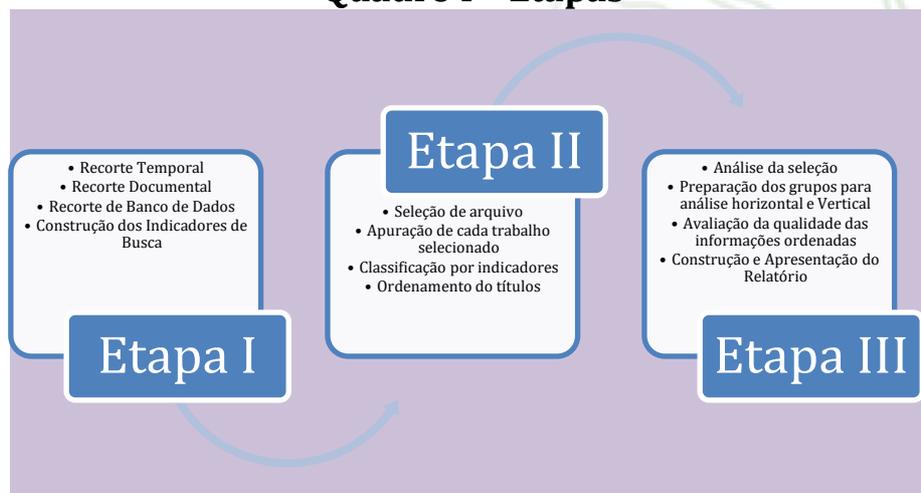
arte, por sua vez, guardam em seu movimento aspectos quantificáveis que nos leva para um processo de qualificação quase que obrigatório daquilo inventariado. Levantamento das fontes, levantamento dos sites de busca, da rede de programas de pós-graduação, bem como a construção de um banco de dados é um princípio, aparentemente mecânico, mas que exercita um olhar apurado, um olhar de construção de informações que trará como resultado um olhar interpretativo sobre o inventário daquela área específica do conhecimento.

Portanto, a pesquisa foi de caráter bibliográfico, descritivo, apurativo e inventariante, pois conforme nos aponta Ferreira (2002, p. 01), estas são reconhecidas:

por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado.

Esse exercício pode ser entendido também como um processo (auto) in/formativo para quem investiga, uma vez que esse exercício é de visitação profunda nas pesquisas e tudo que acompanha cada uma delas. Abaixo apresentamos um esquema que oferece as etapas costuradas durante o processo:

Quadro I - Etapas



Da Etapa I, construímos o seguinte ambiente: definimos como recorte temporal o período de 2008-2019, selecionamos dissertações e teses como nossos documentos de análise, utilizamos como banco de dados os Repositórios de cada um dos programas selecionados como garantia de encontrar catalogado por ano e tipo de trabalho, construímos como indicadores para nosso mapeamento: instituição, programas existentes, ano de início do mestrado, ano de início do doutorado, linhas de pesquisa existentes, grupo de pesquisa que estão conectados com a formação de professores ensino de ciência e biologia, início das defesas de dissertações teses, volumes de trabalhos defendidos total, parcial – dentro do intervalo de tempo (nem todas as páginas estavam organizadas com todos os itens), por fim, coordenadores de cada programa. Já na **Etapa II**, Selecionamos todos os trabalhos que estivessem de alguma forma associados as seguintes palavras: (Formação inicial de professorxs de ciências e

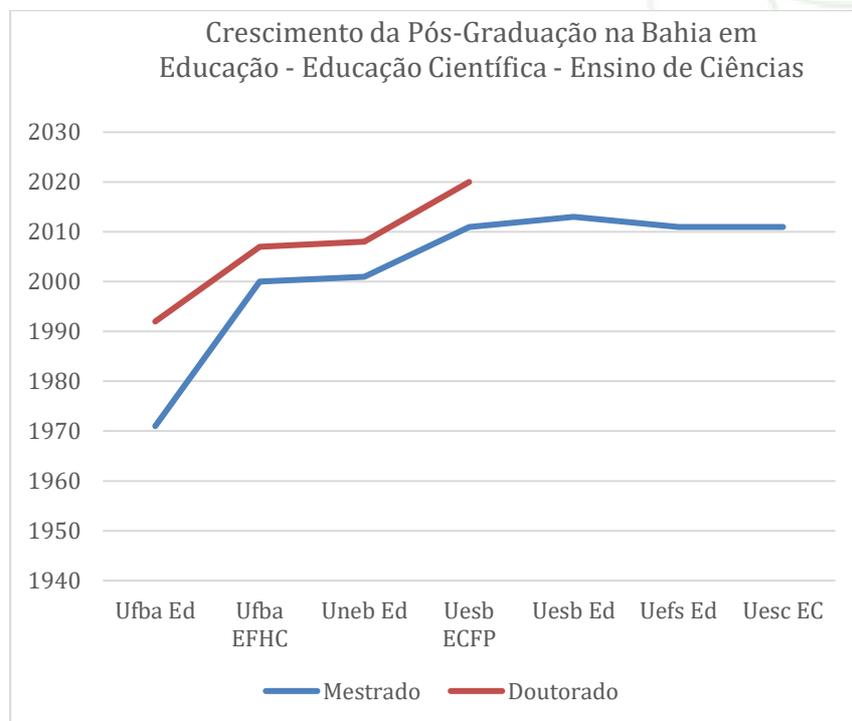


Biologia); (Formação continuada + professorxs de ciências e biologia), (Desenvolvimento Profissional de Professorxs ou Docente + professor de ciências e Biologia); (Desenvolvimento Profissional de Professores ou Docente + condições de trabalho + mulher + corpo + sexualidade + grupos LGBTQI' + Identidade docente + Formação + gênero + Docência no Ensino Superior + gênero + trabalho + sexualidade + corpo + Desenvolvimento Profissional + mulher); (Docência Universitária + gênero + trabalho + sexualidade + corpo + Desenvolvimento Profissional + mulher + feminismo). Fizemos um crescente de cruzamentos para encontramos a maior quantidade possível de trabalhos dentro do ambiente que gostaríamos de pesquisar.

ETAPA III - Construímos mais um quadro já especificando os seguintes dados: **Autor e Orientador do trabalho; tipo de trabalho - dissertação ou tese; Ano de Defesa; título do trabalho; resumo e palavra-chave.** Esse quadro serviu de base para uma segunda seleção daquilo que deveria ser separado e lido. Ao final construímos um ordenamento pelas palavras chaves gerando para nós um resultado que apresentaremos no próximo tópico.

Resultados e Discussão

Quando iniciamos o trabalho de pesquisa um dos exercícios fora de conhecer um pouco mais sobre a política de pós-graduação do Brasil e seu movimento de expansão e desdobramentos no Estado da Bahia. Isso nos possibilitou construir o seguinte gráfico:



Fonte: Brito e Silva, 2020.

Quando observamos o intervalo de criação entre o primeiro programa de Educação e o segundo, percebemos que por mais de 30 anos só existiu na Bahia um programa de Pós-Graduação oferecendo mestrado. O Doutorado em Educação é iniciado nessa primeira



instituição (Ufba) em 1992, e só em 2008 que teremos notícias de um segundo Doutorado em educação oferecido pela Uneb, que inicia suas defesas quatro anos mais tarde, em 2002.

Um Programa de Ensino, Filosofia e História das Ciências inicia suas atividades em 2000 com mestrado e só em 2007 teve autorização para funcionar o doutorado, tendo suas primeiras defesas de dissertações em 2002 e de teses no final de 2009. Nesse interim a Uneb passa a oferecer sua primeira turma de Mestrado em Educação em 2001 e por mais uns 10 anos ficaremos à espera de outras autorizações pela Capes: o Programa de Pós-Graduação em Educação da Uefs em 2011; o Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores em 2011; O Programa de Pós-Graduação em Educação da Uesb em 2013; e, o Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências na Uesc, em 2013.

Esse esforço para apresentar uma cronologia de criação de programas com mestrado e doutorado apresenta um problema crônico que a Bahia vivenciou e ainda vivência na oferta de cursos para atendimento específicos em nossa área de ciências e biologia. Reafirmando ainda uma assimetria típica do Nordeste em comparação com o sul e sudeste do país. Portanto o volume de trabalho defendidos nas áreas de ciências e matemáticas passam a aparecer de maneira mais expressiva a partir de 2013, quando as primeiras defesas do Programa de ECFP começam a acontecer. Reforçando a nossa afirmação que a jornada em pesquisas em Ensino e formação de professores em ciências e biologia só está começando.

Por outro lado, quando visitamos as produções dos programas mais antigos, em especial, os de Educação (Ufba) e (Uneb), analisamos suas linhas de pesquisa e os grupos de estudo e pesquisas conectados, observamos ainda a existência de apenas um grupo voltado para os estudo e pesquisa sobre o ensino e a formação de professores para área de ciências (chamado ENCIMA- Ufba), notamos também que não há, de maneira específica, outros grupos voltados para as discussões que buscamos sobre mulheres, docência e universidade. Essas constatações serviram de orientação para entender o tipo de produção encontrada, e aquilo que não encontramos: estudos mais aproximados sobre a condição de gênero, as condições da mulher, do trabalho e da docência na universidade como uma pauta ativa e necessárias nas discussões atuais sobre igualdade, dignidade das mulheres na ciência.

Dos trabalhos eleitos, 61 dissertações foram selecionadas por aproximação de palavras descritas acima, 21 teses se destacaram, perfazendo um total de 82 trabalhos. Organizamos uma síntese a partir do seguinte modelo de quadro:

Instituição e defesas encontradas por palavras-chaves

INSTITUIÇÃO	PROGRAMAS	NO. DE TRABALHOS DEFENDIDOS		NÚMEROS DE TRABALHOS SELECIONADOS POR APROXIMAÇÃO (2008-2019)		PALAVRAS-CHAVES E N. DE TRABALHOS (ISOLADOSE/OU COMBINADOS)		NOSSO OBJETO
		Dissertações	Teses	Dissertações	Teses	Palavras	número	
XXXXX	XXXXXX							Palavras-Chaves combinadas*
	Ano de Início					Mulher		XX
						Gênero		
	XXXX					Desenvolvimento Profissional docente/professores		
						Professoras do		



	Ano de Defesas					ensino superior		
	XXXXXX					Corpo		
						Sexualidade		
						Ensino de Ciências e Biologia		
						Trabalho		
						Feminismo		
						Vida na Universidade		
						Docência Universitária		
						Formação Docente/Professores		
*Gênero, Mulheres, Trabalho, Universidade, Desenvolvimento Profissional, Docência Universitária, Vida na Universidade								

Autoras, 2020.

Como resultado dessa síntese, se voltarmos para a pergunta de pesquisa: Nas pesquisas realizadas através de dissertações e teses nos programas de pós-graduação da Bahia em Educação, Educação Científica e ensino de ciências, o que se discute sobre a mulher e a docência no ensino superior? Não encontramos trabalhos que versassem sobre tal temática ou que expressa uma preocupação sobre a condição de gênero que está construída nos programas ou nas áreas dos cursos de graduação ou pós-graduação. Embora o quadro acima aponte para uma tese defendida em 2017, que versa sobre a vida de mulheres na construção do Curso de Agronomia de uma instituição, tal estudo não está associado à nossa área de ciências e ou biologia. Ou seja, não temos a cultura nos programas de Educação e Ensino e Educação Científica de investir naquilo que nos toca historicamente – a condição da mulher na docência como ponto e ponte de partida para uma retomada do discurso sobre a profissão de professora – neste caso, do ensino superior. Em nossas reflexões sobre tal fenômeno, isso está associado a diversos fatores: uma heteronormatividade que visibilizam corpos diferentes nos ambientes acadêmicos, a construção de uma universidade baseada na história dos homens cientistas, afinal de contas, aqui no Brasil, o acesso das mulheres da universidade só virou realidade a partir da década de 30 de forma mais expressiva.

Encontramos 21 trabalhos que pesquisam sobre mulheres em seus mais diversos níveis e desconectados do nosso campo de estudo, encontramos 34 trabalhos versando sobre gênero mais direcionando para a realidade da educação Básica (sentido, currículo, formação de professores, identidade de gênero), sobre desenvolvimento profissional de professores 12 trabalhos, sobre o trabalho docente 03 títulos foram encontrados.

Conclusão

O levantamento de aproximadamente 10 anos de defesas de dissertações e teses em programas de pós-graduação em Educação, Ensino de Ciências, história e filosofia e Educação Científica e Formação de Professores, nos revelou que os estudos sobre a condição da mulher, que investiga, que problematiza a própria história do fazer/fazer-se profissão, ciência e história do conhecimento ainda não é considerado como campo fértil para investigações, os grupos e a falta de abundância de linhas de pesquisa sobre feminismo, gênero, desenvolvimento da profissão e da/do professora/professor pode anunciar para este momento da pesquisa o que justifica tais ausências. Por outro lado, tais ausências nos aponta para um esquecimento de si (nós mulheres) do como somos e

como chegamos e com quais enfrentamos caminhamos para construir um meio de visibilidades possíveis sobre nossos feitos para o campo da investigação e do fazer ciência. Será necessário o estímulo, o fomento sob diversas frentes para mobilizações em tais grupos que versem sobre o nós-visível no mundo material das produções e conquistas acadêmicas que temos construído em países como o nosso.

Agradecimentos e apoios

UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – pelo seu Programa de Ajuda de Custo para Pós-Doc.

UFU – Universidade Federal de Uberlândia – pela recepção ao meu projeto de pesquisa de Pós-Doc

Referências

ANDRÉ, M. A. **Produção acadêmica sobre formação de professores: um estudo comparativo das dissertações e teses defendidas nos anos 1990 e 2000.** Formação Docente: Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores, vol. 01, n. 01, ago-dez./2009, p. 41-56.

BÖHM, Bianca Camacho de Almeida; CAMPOS, Míria Izabel. **Atuação de professores homens na educação básica: um estado da arte sobre a produção acadêmica.** Horizontes – Revista de Educação, Dourados-MS, n. 1, v. 1, p. 59-72, jan./jul 2013. Disponível em:
<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/horizontes/article/viewFile/2044/1436>

BRAGA, E. R. M. **A questão do gênero e da sexualidade na educação.** In: RODRIGUES, E.; ROSIN, S. M. (Orgs.). Infância e práticas educativas. Maringá, Eduem, 2007.

FERREIRA, N. S. de A. **As pesquisas denominadas “estado da arte”.** Educação & Sociedade, São Paulo, ano 23, n. 79, p.257-272, ago. 2002. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf> Acesso em 25/05/2014.

MARCELO, Carlos. **Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro. Sísifo:** Revista de Ciências da Educação. Lisboa, n. 08, pp. 7-22, jan./abr. 2009. Disponível em:
<http://www.unitau.br/files/arquivos/category_1/MARCELO__Desenvolvimento_Profissional_Docente_passado_e_futuro_1386180263.pdf> Acesso em: 16 jun 2018.

NÓVOA, A. **Vida de professores.** Porto: Porto Editora, 1992.

PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. **Formação de Professores: Pesquisas, representações e poder.** Belo Horizonte. Autêntica, 2000.

PETRENAS, R.C. **O estado da arte sobre as temáticas sexualidade, educação sexual e gênero nos encontros nacionais de didática e prática de ensino** – ENDIPE (1996-2012). Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista,

Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. Orientador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro, 2015.

PLANK, D. N. **Política Educacional no Brasil: caminhos para a salvação pública.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

PRIGOL, E. L. **Pesquisa estado do conhecimento: uma visão para a prática pedagógica e a formação de professores.** Anais do XXIII EDUCERE - Congresso Nacional de Educação: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba: de 23 a 36 de 2013.

RAMALHO, Betania Leite; NUÑEZ, Isauro Beltrán; GAUTHIER, Clermont. **Formar o Professor Profissionalizar o Ensino: Perspectiva e Desafios.** Porto Alegre: Sulina, 2003.

RIBEIRO, A. P.; C. ROSSI. **O estado da arte em gênero - mulher - em educação no estado de São Paulo.** Revista Humanidades e Inovação v.4, n. 6 - 2017.

SOUSA, C.P. **Gênero e Universidade no Brasil: acesso ao ensino superior e condição feminina no meio universitário.** In.: Consuelo Flecha Gracia; Alicia Itatí Palermo. (Orgs.). *Mujeres e UNiversidad em España y America Latina.* Buenos Aires/Madrid: Miño y Dávila Editores, 2008, v.1, p. 153-171.